

O Crescimento Econômico em Nicholas Kaldor e o Subdesenvolvimento em Celso Furtado: Progresso Tecnológico, Distribuição de Renda e Dualismo Estrutural

Hugo Carcanholo Iasco Pereira¹
Flávio de Oliveira Gonçalves²

Resumo

O objetivo do presente trabalho é apresentar o modelo de longo prazo de Kaldor, enfatizando o papel da distribuição de renda e do progresso tecnológico como fatores explicativos do desenvolvimento econômico das sociedades capitalistas para compreender a condição de subdesenvolvimento colocada por Furtado como uma construção histórica, em que três fatores são de extrema importância: (i) a inserção internacional da economia nacional, (ii) difusão da tecnologia moderna poupadora de mão de obra e (iii) a distribuição de renda no processo de desenvolvimento econômico. A principal conclusão do trabalho é de que a teoria do subdesenvolvimento de Furtado pode ser interpretada como um caso particular do modelo dinâmico de Nicholas Kaldor ao incorporar as especificidades das economias subdesenvolvidas.

Palavras-Chave

Desenvolvimento, Subdesenvolvimento, Progresso Tecnológico, Distribuição de Renda e Dualismo Estrutural.

Abstract

The aim of this paper is to present the long-term model of Kaldor, emphasizing the role of income distribution and technological progress as explanatory factors of economic development of capitalist societies to understand the condition of underdevelopment placed by Furtado as a historical building in that three factors are of paramount importance: (i) the international insertion of the national economy, (ii) diffusion of modern technology work hand sparing and (iii) the income distribution in the economic development process. The main conclusion is that the theory of Furtado's underdevelopment can be interpreted as a particular case of the dynamic model of Nicholas Kaldor to incorporate the specificities of underdeveloped economies.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico (PPGDE) da Universidade Federal do Paraná e bolsista da CAPES. E-mail: hugo.carcanholo@yahoo.com.br

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico (PPGDE) da Universidade Federal do Paraná. E-mail: flaviogoncalves@hotmail.com

Key Words

Development, Underdevelopment, Technological Progress, Income Distribution and Structural Dualism.

Introdução

Nicholas Kaldor juntamente à Joan Robinson, Piero Sraffa e Richard Kahn podem ser considerados como a primeira geração de economistas descendentes diretamente de Keynes. Concentrados no ambiente acadêmico da Universidade de Cambridge da década de 1950, estes autores contribuíram para a formação da teoria pós-keynesiana. Nicholas Kaldor, a partir de estudos de como a renda nacional seria distribuída nas teorias neoclássica e marxista, desenvolveu modelos dinâmicos utilizando categorias keynesianas, discutindo endogenamente a distribuição de renda das economias capitalistas (a proporção dos lucros e salários na renda). Para destarte formular um modelo analítico que explicasse a causa econômica fundamental de algumas economias crescerem relativamente mais e se desenvolvessem, dividindo os resultados do progresso tecnológico entre empresários e trabalhadores.

Celso Furtado foi um dos maiores intérpretes das economias latino americanas. Dedicando a sua vasta obra à compreensão da realidade econômica na condição de subdesenvolvimento dos países periféricos. A influência de Nicholas Kaldor em seu pensamento é inegável, pois sabendo que o próprio economista britânico o convidou a estudar em Cambridge sob a sua supervisão e que a abordagem keynesiana do desenvolvimento econômico em seu modelo dinâmico, já resumidamente sumarizado, o impressionou de tal modo que:

Kaldor tinha dado uma contribuição importante no sentido da dinamização do modelo keynesiano, introduzindo elementos de uma teoria institucional da distribuição, na linha do pensamento dos primeiros clássicos. Seu curso ajudou-me a retomar disquisições que me haviam ocupado quando me convenci de que o problema do subdesenvolvimento desbordava da área da ciência econômica tal qual esta era praticada. (FURTADO, 2014, pg 199)

Foi no ambiente acadêmico de Cambridge da década de 1950 que Furtado reconheceu e partiu do ponto inicial para as suas pesquisas que o desenvolvimento econômico se sucede através do progresso tecnológico e do direcionamento de seus

resultados à acumulação de capital. E que a penetração da tecnologia moderna por meio do comércio internacional foi de fato decisiva para a constituição atual das economias desenvolvidas e subdesenvolvidas.

Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é apresentar o modelo de longo prazo de Kaldor, enfatizando o papel da distribuição de renda e do progresso tecnológico como fatores explicativos do desenvolvimento econômico de sociedades capitalistas. Para, além disso, compreender a condição de subdesenvolvimento colocada por Furtado como uma construção histórica em que o acesso à tecnologia é de extrema importância. O trabalho é composto por cinco sessões. Dedicou-se a primeira e segunda parte à elucidação do modelo de Kaldor. Enquanto a terceira foi destinada à compreensão de Furtado acerca do subdesenvolvimento. A quarta traça uma tentativa de paralelismo entre as ideias de Kaldor e Furtado enquanto a quinta e última sessão apresenta as conclusões do trabalho.

1- O Crescimento Econômico e o Progresso Tecnológico nas Economias Capitalistas

A teoria do crescimento de Kaldor foi elaborada com o propósito de mostrar os determinantes da taxa de crescimento econômico em uma economia monetária de produção. Em que o empresário possui atribuição essencial ao determinar a variável investimento. Kaldor (1957) partiu da constatação empírica que a proporção dos salários e lucros em relação à renda permaneceu constante após a primeira metade do século XIX e que, além disso, houve uma trajetória crescente da proporção capital-trabalho e da produtividade. O que significa que a eficiência marginal do capital empregado também acompanhou essa constância. Assim, o modelo de longo prazo de Kaldor explica a constância dos lucros na renda a partir de elementos endógenos do próprio sistema econômico.

O modelo de Kaldor (1956, 1957 e 1961) foi elaborado a partir das técnicas dinâmicas de Harrod (1939), considerando a renda e o capital como variáveis dependentes do sistema econômico, assumindo as seguintes hipóteses:

- (i) O produto é limitado pela oferta de recursos disponíveis e não pela demanda. A economia se encontra em pleno emprego dos meios de produção. O que não implica necessariamente em pleno emprego da mão

de obra, exceto para as economias desenvolvidas em que há capital suficiente para tanto.

- (ii) A acumulação de capital aumenta a produtividade do trabalhador tanto pelo aumento da proporção capital-trabalhador ou por inovações tecnológicas. Kaldor ressalta que a capacidade de a economia acumular capital depende do dinamismo técnico ou da aptidão para inovar e vice versa.
- (iii) Adota-se a convenção de que o valor do capital é proporcional à quantidade de aço do equipamento³.
- (iv) A acumulação de capital e o crescimento econômico dependem dos investimentos empresariais e, por conseguinte, do volume de negócios no presente e no passado.
- (v) A autoridade monetária tem papel passivo. No longo prazo, a taxa de juros é aquela obtida pelos investimentos.
- (vi) Os empresários escolhem a técnica de produção que minimizam os custos ou que maximizam a taxa de retorno.

Kaldor parte das seguintes identidades. O produto é composto por salários e lucros; $Y \equiv W + P$. O investimento é igual à poupança; $I \equiv S$. Mas que também pode ser entendido a partir de outra identidade; $I_t \equiv K_{T+1} - K_T$, da diferença entre o estoque de capital desejado pela classe empresarial e o do presente. Há duas parcelas da poupança, $S \equiv S_w + S_p$, a dos trabalhadores e a dos empresários. A poupança dos trabalhadores e empresários está em função respectivamente da propensão marginal a poupar, dos salários, W , e dos lucros, P ; $S_w = s_w W$ e $S_p = s_p P$. Igualando investimento e poupança chega-se a:

$$I = s_w W + s_p P$$

$$I = s_w (Y - P) + s_p P$$

$$I = P(s_p - s_w) + Y s_w$$

$$(1) \frac{I}{Y} = \frac{P}{Y} (s_p - s_w) + s_w$$

³ Esta hipótese não é primordial para o objetivo de Kaldor, sendo abandonada posteriormente.

$$(2) \frac{P}{Y} = \frac{I}{Y} \frac{1}{(s_p - s_w)} - \frac{s_w}{(s_p - s_w)}$$

A equação um indica que os investimentos dependem positivamente da parcela relativa dos lucros no produto da economia e da diferença entre a propensão marginal a poupar dos capitalistas e trabalhadores, que são dadas. A equação dois mostra que o investimento, embora seja uma variável independente, determina em última instância a parcela relativa dos lucros na renda.

A condição de estabilidade é que s_p e s_w sejam diferentes e s_p maior que s_w . O grau de estabilidade depende da diferença entre as propensões a poupar. Quanto mais próximos os coeficientes, maior o impacto de mudanças do investimento nos lucros como proporções da renda.

O estoque de capital presente é determinado pelo coeficiente α' do produto em um período anterior e β' do lucro do capital do período anterior conforme equação três.

$$(3) K_t = \alpha' Y_{t-1} + \beta' \frac{P_{t-1}}{K_{t-1}} Y_{t-1}$$

O estoque de capital desejado é aquele condizente com as expectativas dos empresários quanto aos investimentos. O qual, na teoria pós-keynesiana, depende da eficiência marginal do capital. Kaldor assume que (i) os empresários desejam manter a relação entre o montante investido em capital e o seu retorno constante, (ii) a decisão de investimento (que determina o estoque de capital desejado em $t+1$) de cada período é feita pela interposição do lucro esperado no passado e o presente. O investimento depende dos lucros correntes e do diferencial de primeira ordem do mesmo conforme a equação quatro.

$$(4) I_t = K_{t+1} - K_t = (Y_t - Y_{t-1}) \left(\alpha' + \beta' \frac{P_{t-1}}{K_{t-1}} \right) + \beta' \left(\frac{P_t}{K_t} - \frac{P_{t-1}}{K_{t-1}} \right) Y_t; \alpha' > 0; \beta' > 0$$

O progresso técnico da economia é determinado pela acumulação de capital, pelo investimento. A função de produtividade toma a subseqüente forma:

$$(5) \frac{Y_{t+1} - Y_t}{Y_t} = \alpha'' + \beta'' \left(\frac{I_t}{K_t} \right); \alpha'' > 0; 1 > \beta'' > 0$$

Com algumas operações algébricas, o investimento e a poupança em relação à renda se tornam⁴:

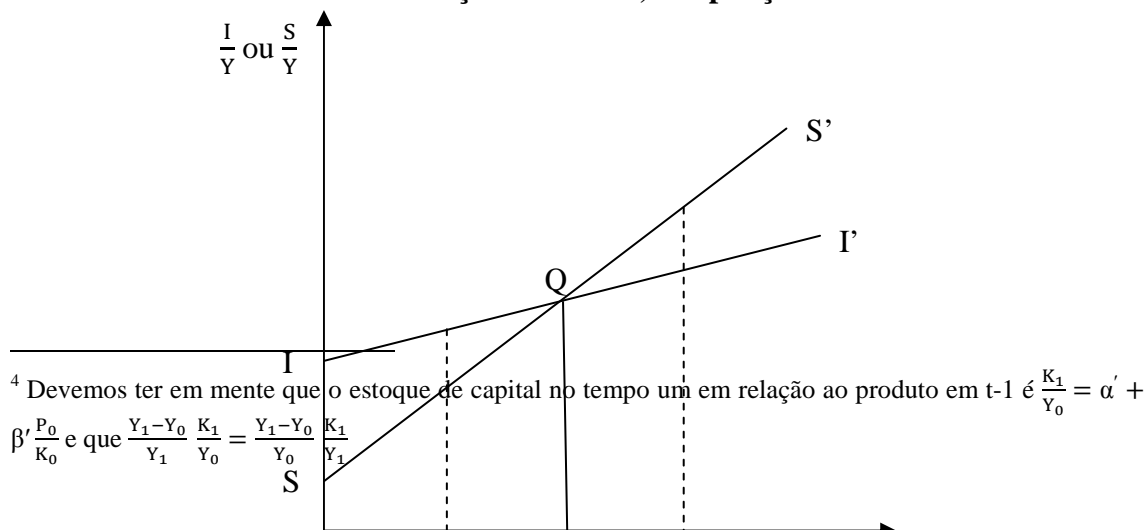
$$(6) \frac{I_1}{Y_1} = \left\{ \frac{Y_1 - Y_0}{Y_0} \left(\frac{K_1}{Y_1} \right) - \beta' \frac{P_0}{K_0} \right\} + \beta' \frac{Y_1}{K_1} \frac{P_1}{Y_1}$$

$$(7) \frac{S_1}{Y_1} = s_w + (s_p - s_w) \frac{P_1}{Y_1}$$

As equações seis e sete determinam a distribuição de renda e a proporção investida ou poupada. Nota-se que o investimento é determinado em função da taxa de crescimento do produto esperado em relação ao efetivo, da acumulação de capital, dos lucros no passado e dos lucros esperados. A poupança é definida em termos dos lucros obtidos através dos investimentos e da distribuição funcional de renda, isto é, da diferença entre os coeficientes de propensão marginal a poupar dos empresários e dos trabalhadores e da proporção de lucros na renda. As parcelas da poupança e dos investimentos acompanham a distribuição da renda da economia entre lucros e salários.

O Gráfico 01 ilustra a distribuição de renda entre os empresários e os trabalhadores, e os níveis de poupança e investimento da economia. A curva SS' representa a proporção da poupança em relação ao produto nacional, enquanto II' o investimento. Para cada combinação de poupança e investimento existe uma distribuição de renda particular, representado pelo eixo horizontal do Gráfico 01 pela parcela relativa dos lucros no produto. A distribuição de renda é a variável de ajuste conforme o desequilíbrio entre poupança e investimento. Há apenas um ponto de igualdade entre o investimento e a poupança, que determina a solução de curto prazo do sistema econômico, o ponto Q.

Gráfico 01 – Distribuição de Renda, Poupança e Investimento



Fonte: Elaboração do Autor com base em Kaldor (1957) $\frac{P}{\bar{Y}}$

A condição de estabilidade do equilíbrio é que a propensão a poupar dos capitalistas seja maior que a dos trabalhadores o suficiente para que ultrapasse o coeficiente de sensibilidade do investimento dos lucros esperados. O que é suposto; $(s_p - s_w) > \beta' \frac{Y_t}{K_t}$. Kaldor (1956) estabelece algumas restrições para o modelo:

- (i) Que o salário real, $\frac{W'}{L}$, não esteja abaixo do nível de subsistência, W' , tal que $\frac{W}{L} \geq W'$. O que pode ser representado como uma restrição aos níveis de lucro⁵; $\frac{P}{Y} \leq \frac{Y - W'L}{Y}$. Se essa restrição não for cumprida, o nível de lucros, juntamente com o produto, determinado pela equação investimento ficará aquém do nível de equilíbrio.
- (ii) A parcela dos lucros relativos não pode estar sob o nível mínimo exigido pelos empresários para induzi-los a investir; $\frac{P}{vY} \geq r$, logo, $\frac{P}{K} \geq r$.
- (iii) Os lucros devem ser maiores que o grau de monopólio; $\frac{P}{Y} \geq m$.

Assumindo que essas condições sejam cumpridas, a transição gradual do equilíbrio de curto prazo para o de longo, ou o *steady growth*⁶, se dá através da função de progresso técnico. A acumulação de capital e a ampliação da produtividade da mão de obra determinam o crescimento de longo prazo da economia. Em *steady growth*, os coeficientes da equação de investimento e poupança não importam, mas sim apenas os da função de progresso técnico⁷. Assim, a taxa de crescimento da produtividade é:

⁵ No caso de o salário ser menor que o de subsistência, a distribuição de renda da economia se assemelha com o modelo marxista.

⁶ Estado em que o crescimento do capital e do produto é igual.

⁷ Kaldor soluciona o problema do equilíbrio do "fio de navalha" de Harrod ao assumir que o (i) equilíbrio é condizente com várias taxas garantidas, aquela que satisfaz o empresário, mais especificamente, que as propensões marginais a poupar da comunidade variam conforme a distribuição de renda e (ii) γ é mutável, no sentido de ser uma solução particular para cada caso.

$$(8) \gamma'' = \frac{\alpha''}{1-\beta''}$$

Na teoria de Kaldor, o progresso tecnológico e, por via de regra, o aumento da produtividade dos fatores de produção assumem papel central no progresso das economias capitalistas industriais:

The historical emergence of capitalist enterprise involved a tremendous increase in the “technical dynamism” of the economic system. The most important characteristic of capitalist business enterprise is the continuous change and improvement in the methods of production (...). In terms of our model, the growth of the capitalist sector in the economy involved a dramatic rise in technical progress function, and hence in the equilibrium rate of growth of productivity, γ'' - the increase in savings, investments, both as a proportion of income and of capital, and the great acceleration in the rates of population growth, were consequences of this, and not its initiating causes. (KALDOR, 1957a, pg.618)

Kaldor introduziu a taxa de crescimento populacional assumindo que esta é compatível à taxa de variação do produto⁸ ou que é limitada pelo crescimento da economia. Sabendo que l é a taxa de crescimento populacional, g a taxa de crescimento do produto e λ a taxa máxima de crescimento populacional, tem-se:

$$(9) l = g(g \leq \lambda) \text{ ou } l = \lambda(g > \lambda)$$

Assumindo que $l = \lambda$, o crescimento de longo prazo é:

$$(10) \quad G = \gamma'' + \lambda$$

Neste modelo analítico de Kaldor há dois estágios para o desenvolvimento da economia capitalista. Na etapa inicial, o aumento da produtividade não seria repassado para os salários dos trabalhadores. O salário pago seria o de subsistência, condicionando o nível de vida naquele inicial. O investimento e a produtividade da economia acompanharia a tendência crescente da proporção dos lucros na renda. Trajetória esta que cessaria quando o estoque de capital atingisse o nível desejado. Isto é, quando as expectativas empresariais concernentes ao lucro fossem atingidas. Destarte, os salários reais aumentariam na mesma taxa da produtividade do trabalho. Com isso, a distribuição de renda permaneceria constante ao longo do tempo, os parâmetros das

⁸ O autor se inspira na teoria Malthusiana mesmo sabendo e confirmando as limitações. Kaldor (1957a) entende que o crescimento econômico melhora as condições de vida da população, diminuindo, com isso, a taxa de mortalidade.

equações 1-3 permaneceriam constantes. O nível de vida da população começaria a aumentar e a taxa de crescimento populacional deixaria de ser restrita.

Kaldor (1957b) destaca que, embora o capitalismo desregulado não garanta o pleno emprego, o progresso⁹ é um processo contínuo. Mas não é suave, apresentando flutuações periódicas através de períodos prósperos e declinantes. Aparentando-se muito com os ciclos econômicos. Entretanto, o progresso do capitalismo por si não provoca a redução da desigualdade social. Segue trecho do próprio autor:

Unemployment, fluctuations, and growing concentration in the ownership of property, are not, however, in my opinion, inevitable features of capitalist evolution. Thanks to the work of some economists and notably to Keynes, we know far more about the mechanics of capitalist evolution than we did even a decade or two ago; and we are now in a position to mould it, by suitable public controls, according to a desired pattern. (KALDOR, 1957b. pg. 5)

O crescimento econômico, portanto, é um fenômeno essencialmente de acumulação de capital com base no progresso tecnológico. A distribuição de renda entre empresários e trabalhadores é funcional, importando apenas no curto prazo para garantir a igualdade entre poupança e investimento, sendo determinada endogenamente no sistema econômico.

No longo prazo, a economia cresceria à taxa correspondente do progresso técnico e da variação populacional, que é exógena. As melhorias das condições de vida seriam logradas através da elevação dos salários reais por conta do aumento da produtividade do trabalhador. O progresso tecnológico depende da variável investimento, que é uma variável expectacional por parte dos empresários. O crescimento de longo prazo, por fim, depende do *animal spirits* dos homens de negócio.

2- Indústria e Produtividade da Economia: As Leis de Kaldor

A produção acadêmica de Kaldor pode ser circunscrita de modo a separá-la em dois períodos. O primeiro corresponde a pesquisas essencialmente teóricas em que o autor desenvolveu modelos analíticos de crescimento econômico de longo prazo com base nas pesquisas de Harrod (1939). Entretanto, a partir da década de 60 nota-se um ponto de inflexão metodológica na obra de Kaldor. Os esforços deixaram de ser teóricos e se concentraram na formulação de uma teoria do crescimento econômico

⁹ Progresso para o autor é o aumento do produto e da qualidade de vida das pessoas.

fundamentalmente empírica baseada em fatos estilizados. O que ficou amplamente difundido como as leis de Kaldor.

Kaldor (1966) mostrou empiricamente que a indústria é o setor mais dinâmico das economias capitalistas modernas. A evolução das atividades industriais aumenta a produção de setores não-industriais. Por isso, há estreita relação positiva entre as taxas de crescimento do produto nacional e da produção industrial. Proposição a qual ficou conhecida como a primeira lei de Kaldor. As economias desenvolvidas seriam aquelas cujas estruturas produtivas se encontrassem em estágio avançado de industrialização.

A segunda lei de Kaldor sustenta que há uma correlação positiva entre a produção industrial e a produtividade deste mesmo setor. O ponto central desta relação é a existência de retornos de escala crescentes e cumulativos nas atividades industriais como Verdoorn (1949) concluiu. O desenvolvimento de atividades industriais por meio de investimentos em capital aumenta a demanda por trabalhadores. O que significa transferir a mão de obra dos setores primários, com retornos decrescentes, para a indústria. Essa transferência aumenta a produtividade marginal do trabalho daqueles setores. Com isso, a produtividade da economia aumenta sistematicamente. O que ficou designado como o terceiro fato estilizado ou a terceira lei de Kaldor. Que consiste, portanto, na relação positiva entre aumento da produtividade do setor industrial e do restante da economia.

3- O Desenvolvimento e o Subdesenvolvimento em Celso Furtado

Celso Furtado aborda o desenvolvimento econômico como um fenômeno global, um projeto de autotransformação da coletividade humana, incorporando duas dimensões; a econômica e a cultural. Conforme Furtado (1978) os fatores relacionados ao objeto de estudo do cientista econômico constituem reduzida parte. A dimensão cultural ou não-econômica é abandonada por questão de facilidade metodológica, o que, segundo ao autor, se transforma em um obstáculo à real compreensão do fenômeno. Contudo, Furtado (1978) admite que, no escopo da Ciência Econômica, o desenvolvimento é essencialmente a ocorrência da acumulação de capital e do progresso tecnológico. “O desenvolvimento, além de ser o fenômeno de aumento da produtividade do fator trabalho, é um processo de adaptação das estruturas sociais a um horizonte em expansão de possibilidades abertas ao homem”. (FURTADO, 2003. pg 101)

A percepção de Furtado acerca da história do Capitalismo contemporâneo e o estudo a respeito da forma pela qual os países se inseriram na economia mundial, com base no processo de industrialização e de progresso tecnológico, sugere que o subdesenvolvimento econômico é peculiar ao próprio desenvolvimento, com a tendência de autoperpetuação. Isto não permite compreendê-lo como uma etapa em direção ao desenvolvimento, como Rostow (1959) propôs. “Em síntese: desenvolvimento e subdesenvolvimento devem ser considerados como dois aspectos de um mesmo processo histórico, ligado à criação e à forma de difusão da tecnologia moderna”. (FURTADO, 1978. pg 8-9)

Para Furtado (1968) o crescimento econômico é um fenômeno essencialmente de aumento da produtividade da força de trabalho. Todavia, a acumulação de capital é condição *sine qua non* para o crescimento econômico, mas não é a essência do fenômeno por si, porque se apresenta mais como uma limitação ao crescimento do que como um fator básico primário. Deste modo, para compreender a natureza do subdesenvolvimento é de vital importância constatar que o progresso tecnológico é medular na teoria de Celso Furtado. Nas palavras do próprio autor sobre os fatores primários do crescimento econômico ou do aumento da produtividade das economias:

Com efeito, o aumento da produtividade do trabalho pode ter três origens distintas: a) aumento da dotação capital por trabalhador, b) modificação do processo produtivo, ou seja, elevação do nível tecnológico, e c) modificação na estrutura produtiva decorrente de alteração no perfil da demanda global. (FURTADO, 1968. pg. 20)

O que diferencia as economias desenvolvidas das subdesenvolvidas é a disposição dos fatores primários do crescimento econômico. As economias em que o progresso tecnológico induziu a acumulação de capital e conseqüentemente provocou a alteração no perfil da demanda global passaram por um processo de desenvolvimento autônomo, ou endógeno. A ordem dos fatores seria b-a-c. Estas economias são as centrais, exportadoras de bens manufaturados, sendo a inovação tecnológica, ou aumento da produtividade da mão de obra, o elemento dinâmico endógeno elementar do crescimento econômico.

As economias subdesenvolvidas por sua vez sofreram um crescimento dependente, exógeno. No qual as modificações do perfil de demanda global induziram a

acumulação de capital e, por conseguinte, o progresso tecnológico. A ordem dos fatores primários seria c-b-a. Estas economias são majoritariamente exportadoras de bens primários, dependentes do progresso tecnológico dos países centrais. O elemento dinâmico do crescimento econômico das economias subdesenvolvidas é o aumento da demanda mundial por bens primários, restando ao progresso tecnológico papel inferior, exógeno. O desenvolvimento econômico da economia dependente é resultado do progresso tecnológico dos países centrais.

Furtado (2003) argumenta que a transformação estrutural da oferta agregada, isto é, a revolução industrial marcadamente até o terceiro quartel do século XIX fundamentada no progresso tecnológico e na acumulação de capital, gerou um desarranjo das atividades tradicionais. Isto significa que a oferta de mão de obra apresentou alta elasticidade, o que reduziu os níveis de salário real aos de subsistência. Com isso a proporção dos lucros na renda aumentou. Os quais, ao serem reinvestidos pelos empresários, permitiram que o progresso das economias centrais se alicerçasse no aumento constante da produtividade da mão de obra.

Furtado (1986) assinala que a distribuição da renda possui notável importância na constituição de uma economia capitalista industrial. Uma vez que a transformação estrutural da oferta agregada, a industrialização, significou decompor as formas tradicionais de produção pré-capitalistas, com a alocação da mão de obra então desempregada na indústria, com alto padrão de produtividade. De tal modo que a primeira fase da industrialização destas economias correspondeu à um processo intenso de liberação da mão de obra maior que o emprego desta. Fato este que reduziu o salário real ao nível de subsistência, ou seja, aumentou os lucros e a capacidade de investimento dos empresários. A segunda fase é aquela em que este excesso de mão de obra foi incorporado.

O progresso tecnológico poupador de mão de obra é o elemento que torna o sistema econômico menos rígido à este processo, pois endossa as combinações de fatores de produção em proporções compatíveis com o acúmulo de capital. Isto é, como um instrumento da classe empresarial manter a constância dos lucros na renda. Com a absorção do excedente estrutural de mão de obra, os frutos do progresso tecnológico foram repartidos entre empresários e trabalhadores, tanto pela elevação dos salários

reais quanto pela redução da jornada de trabalho. Este é o caso da distribuição de renda do desenvolvimento clássico, dos países desenvolvidos.

A industrialização das economias periféricas, ou subdesenvolvidas, condicionou a distribuição da renda à um caso oposto. O excedente estrutural de mão de obra liberado na fase inicial não foi absorvido pelas atividades industriais. Com isso, os resultados do progresso tecnológico não foram repartidos entre os empresários e trabalhadores. Houve, portanto, uma concentração de renda que não foi reinvestida na própria indústria. Furtado argumenta que isso se deve à adoção de tecnologias exógenas poupadoras de mão de obra originadas das economias centrais. Esta é a linha de raciocínio que levou Furtado a afirmar que:

Nos países desenvolvidos, trata-se de conflitos sociais cuja solução vem sendo facilitada pelo próprio progresso tecnológico. Nos países subdesenvolvidos, ao contrário, o progresso tecnológico constitui a fonte dos conflitos, cuja solução deve ser buscada no plano político. (FURTADO, 2003. pg, 99)

O argumento de Furtado (2003) é que a trajetória das economias subdesenvolvidas possui diferentes particularidades em relação ao caso dos países centrais. As economias latino-americanas, como o Brasil, se industrializaram inicialmente, até 1929, a partir do impulso dinâmico do exterior através do aumento das exportações de bens primários em decorrência do aumento da renda e do progresso tecnológico e da acumulação de capital dos países centrais. O deslocamento da curva de demanda do café aumentou a renda interna e a produtividade da economia brasileira, criando condições germinativas para novas atividades manufatureiras leves com pouco poder de *linkage* com outros setores econômicos, como a indústria têxtil.

Após a crise de 1929, a industrialização brasileira engendrou por outras direções. Iniciou-se o período denominado processo de substituição de importações, resultado das tensões externas estruturais por conta da quebra da demanda internacional por produtos agrícolas. Os investimentos foram realocados na modificação estrutural da oferta agregada visando produzir aqueles bens antes importados, uma das caracterizações do subdesenvolvimento permeia o processo de substituição de importações. O fator primário dinâmico continuou não sendo o progresso tecnológico, mas sim a restrição externa estrutural.

Um dos traços sócio econômicos marcantes do fenômeno subdesenvolvimento é a presença da heterogeneidade estrutural. Os sistemas econômicos subdesenvolvidos apresentam dualidade estrutural. Na mesma economia nacional, uma região se dedicaria à produção capitalista-industrial baseada no progresso tecnológico, com alta produtividade dos fatores de produção, o que se traduz em elevado salário real e formas de consumo modernas. Enquanto outras regiões possuiriam estrutura produtiva pré-capitalista sem aquele desmantelamento das atividades tradicionais e o processo já descrito.

Nota-se que, no pensamento de Furtado, o subdesenvolvimento econômico surge como uma construção histórica do Capitalismo contemporâneo que não é uma etapa em direção ao desenvolvimento. Mas uma condição que tende a se autoperpetuar. Três fatores são de extrema importância neste delineamento: (i) a inserção da economia nacional no mercado internacional via revolução industrial do século XVIII ou exportadora de produtos primários, (ii) a forma de penetração da tecnologia moderna poupadora de mão de obra e (iii) a distribuição de renda no processo de desenvolvimento econômico. A dualidade estrutural surge como o traço mais característico das economias subdesenvolvidas em resultado das especificidades do delineamento dado por Furtado ao desenvolvimento econômico.

4- O Crescimento Econômico em Kaldor e o Subdesenvolvimento em Furtado

Kaldor mostrou que o progresso tecnológico poupador de mão de obra, que, portanto, aumenta a produtividade dos fatores de produção, e a acumulação de capital são elementos fundamentais para explicar o crescimento econômico na evolução do Capitalismo contemporâneo. Inclusive sendo o determinante da taxa de crescimento econômico do modelo de longo prazo.

A distribuição de renda assume considerável importância no estudo do desenvolvimento econômico conforme a dinâmica do Capitalismo industrial. O modelo de Kaldor descreve o caso das economias que sofreram mudanças estruturais na oferta agregada no período da revolução industrial, ou o caso clássico de desenvolvimento autônomo com tecnologia endógena do sistema econômico. Os fatores primários de propulsão dinâmica seguiriam a ordem: progresso tecnológico; acumulação de capital; mudança da estrutura produtiva por conta de alteração do perfil da demanda agregada.

A liberação de mão de obra das atividades pré-capitalistas, inicialmente, aumentaria a parcela relativa dos lucros na renda. Tendência esta que seria acompanhada pelo incremento dos investimentos e, em consequência, da acumulação de capital e do aumento da produtividade dos fatores de produção. O qual, em um segundo momento, seria repartido entre trabalhadores e empresários na forma de aumento dos salários reais ou pela redução da jornada de trabalho. A distribuição de renda permaneceria constante ao longo do tempo (fato este constatado empiricamente por Kaldor). Considerações compatíveis com o postulado pelas leis de Kaldor, existindo uma homogeneidade estrutural nas economias desenvolvidas ou um sistema econômico integrado.

As economias subdesenvolvidas são um caso no extremo oposto, por que sofreram o processo nomeado de desenvolvimento dependente. A ordem dos fatores primários de crescimento econômico seria a inversa dos países desenvolvidos cabendo ao progresso tecnológico papel secundário. A mão de obra liberada pela adoção de tecnologias modernas e exógenas à economia não seria absorvida pelas atividades industriais. Havendo, portanto, tendência concentradora da renda a favor dos empresários. Contudo, o aumento dos lucros em relação à renda não impulsionaria os investimentos, quer dizer, a acumulação de capital e por conseguinte o progresso tecnológico não aumentariam o suficiente para que os frutos dos progresso tecnológico fossem repartidos entre trabalhadores e empresários. Além do mais, a própria existência de um excedente estrutural de mão de obra agiria no sentido inverso deste. Assim, a terceira lei de Kaldor não seria relevante nas economias subdesenvolvidas. Pois, estruturalmente as atividades produtivas industriais não seriam capazes de absorver aquela massa populacional liberada pela transformação estrutural das economias.

5- À Guisa da Conclusão

Mostrou-se que a obra de Nicholas Kaldor influenciou decisivamente o pensamento de Celso Furtado, mais notadamente na formulação da ideia de subdesenvolvimento econômico. O modelo de Kaldor descreve o desenvolvimento dos países centrais com tecnologia endógena em que o excedente estrutural de mão de obra foi absorvido pela economia, dividindo os frutos do progresso tecnológico entre

trabalhadores e empresários. O progresso tecnológico é o vetor que mantém a constância dos lucros e dos salários, ou que fornece flexibilidade ao sistema econômico durante o processo de industrialização.

A teoria de subdesenvolvimento econômico de Celso Furtado explica o caso das economias em situação diametralmente oposta, com tecnológica exógena ao sistema econômico. O excedente estrutural de mão de obra não é absorvido pela economia, gerando uma tendência concentradora de renda a favor dos empresários. O que não se transforma necessariamente em acumulação de capital e progresso tecnológico, além de gerar uma estrutura econômica dual. A teoria do subdesenvolvimento de Furtado pode ser interpretada como um caso particular, no sentido de um avanço, do modelo dinâmico de Nicholas Kaldor ao incorporar as especificidades das economias subdesenvolvidas.

6- Referências Bibliográficas

FURTADO, C. **Um Projeto para o Brasil**. 1^o. ed. Rio de Janeiro: Saga, 1968.

FURTADO, C. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. 1^o. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FURTADO, C. **A Hegemonia dos Estados Unidos e o Subdesenvolvimento da América Latina**. 1^o. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978a.

FURTADO, C. **Criatividade e Dependência**. 1^o. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978b.

FURTADO, C. **Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico**. 1^o. ed. São Paulo: Nova Cultura Ltda, 1986.

FURTADO, C. **Raízes do Subdesenvolvimento**. 1^o. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

FURTADO, C. **Obra Autobiográfica**. 1^o. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HARROD, R. F. An Essay in Dynamic Theory. **The Economic Journal**, v. 49, n. 193, p. 14–33, 1939.

KALDOR, N. Alternative Theories of Distribution. **The Review of Economic Studies**, v. 23, n. 2, p. 83–100, 1956.

KALDOR, N. A Model of Economic Growth. **The Economic Journal**, v. 67, p. 591, 1957a.

KALDOR, N. **Capitalist Evolution in the Light of Keynesian Economics** Peking University of Peking, , 1957b.

KALDOR, N. Capital Accumulation and Economic Growth. In: **The Theory of Capital**. 1^o. ed. Paris: Macmillan & CO LTD, 1961. p. 177–222.

KALDOR, N. Causes of the Slow Rate of Economic Growth in the United Kingdom. In: **The essential of Kaldor**. 1^o. ed. New York: Holmes & Meier Publisher, INC, 1966. p. 282–310.

KALDOR, N. The Case For Regional Policies. In: **The essential of Kaldor**. 1^o. ed. New York: Holmes & Meier Publisher, INC, 1970. p. 311–321.

KALDOR, N. Capitalism and Industrial Development: Some Lessons from Britain's Experience. In: **Further Essays on Applied Economics**. 1^o. ed. New York: Holmes & Meier Publisher, INC, 1972a. p. 154–174.

KALDOR, N. The Irrelevance of Equilibrium Economics. **The Economic Journal**, v. 82, n. 328, p. 1237–1255, 1972b.

KALDOR, N. Problems and Prospects of International Monetary Reform. In: **Further Essays on Applied Economics**. 1^o. ed. New York: Holmes & Meier Publisher, INC, 1973. p. 74–89.

KALDOR, N. The Role of Industrialisation in Latin American Inflation. In: **Further Essays on Applied Economics**. 1^o. ed. New York: Holmes & Meier Publisher, INC, 1974. p. 119–137.

ROSTOW, W. W. The Stages of Economic Growth. **The Economic History Review**, v. 12, n. 1, p. 1–16, 1959.

VERDOORN, P. J. Fattori che regolano lo sviluppo della produttività del lavoro. **L'industria**, v. 1, p. 3–10, 1949.